

MEIO AMBIENTE

Plantas ornamentais, tradicionais no artesanato da região, são cada vez mais raras e algumas espécies só são encontradas a 200 km de Brasília. Os culpados: a expansão urbana descontrolada e os catadores que sobrevivem de seu comércio

Flor do cerrado em extinção no DF

"DA PRÓXIMA VEZ QUE EU FOR A BRASÍLIA TRAGO UMA FLOR DO CERRADO PARA VOCÊ"

Trecho da música Flor do Cerrado, de Caetano Veloso

Kátia Marsicano
Da equipe do Correio

Elas podem ser encontradas de todas as cores — do suave tom natural ao vermelho vibrante, passando pelo rosa-choque até o amarelo-ouro. De vários tamanhos, formas e texturas, são vendidas em jarrinhos de gesso, cestos de vime ou em singelos maços amontoados em latões de tinta vazios e baldes de plástico em frente à Catedral ou na feira da Torre de Televisão. Inegavelmente, as resistentes flores secas do cerrado são o que há de mais típico no artesanato em Brasília. A marca registrada da cidade.

O que pouca gente sabe — turista ou morador da capital — é que, entre as 6.700 espécies de plantas existentes no cerrado, alguns tipos artesanais correm o risco de desaparecer no Distrito Federal. Em breve, se tornarão raridade. Relíquia.

Das 30 espécies mais usadas no artesanato local, a sempre-viva, uma das mais procuradas, por exemplo, já está extinta por aqui. Precisa ser "importada" de Cristalina (GO), onde é coletada clandestinamente por catadores autônomos, e Diamantina (MG). Deixou de ser de Brasília, apesar de vendida por aqui. Hoje, na região, conta-se nos dedos as variedades e locais onde ainda existem essas flores e capins.

Os campos e veredas, seus habitats naturais, estão ameaçados pela ocupação humana. Sua única garantia de sobrevivência são as unidades de conservação, como o Parque Nacional de Brasília, a Estação Ecológica de Águas Emendadas e o Jardim Botânico, redutos verdes ilhados no ambiente cada dia mais urbano. O crescimento desordenado da cidade, os condomínios irregulares, assentamentos e invasões representam uma espécie de atestado de que seus dias estão contados. Isso sem contar os próprios catadores, que sobrevivem do artesanato mas coletam as flores sem a técnica e os cuidados adequados.

As áreas onde foram erguidas Samambaia, Recanto das Emas, Riacho Fundo e Parque da Barragem já foram endereço certo de coleta para centenas de famílias de catadores. Próximo ao Gama, dizem eles, ainda resta alguma

coisa. E Planaltina já está perto de entrar no rol das áreas destruídas e improdutivas. Na Chapada da Contagem, entre Sobradinho II e o Parque Nacional, o risco de extinção também já chegou: a expansão do bairro residencial Lago Oeste e os condomínios no entorno de Sobradinho comprometem a preservação.

Para a bióloga Cássia Munhoz, da Universidade de Brasília (UnB), autora de uma tese de doutorado sobre a utilização das espécies do cerrado, é difícil quantificar quanto ainda resta no DF. Não existe levantamento sobre o assunto. "Mas, certamente, é muito, muito pouco. As plantas ornamentais, por exemplo, já não existem mais", completa.

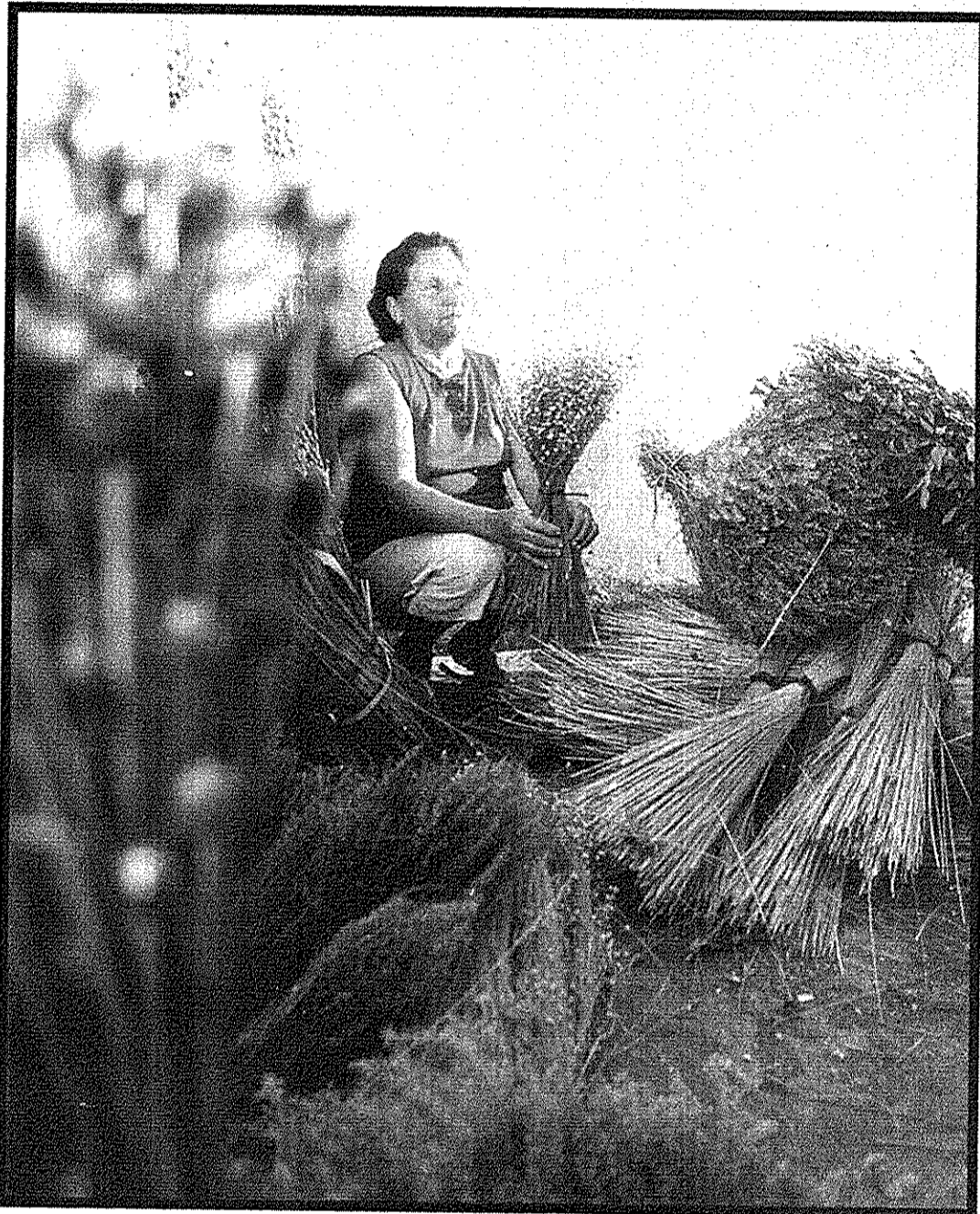
No ano passado, para garantir as vendas aos turistas, artesãos do DF tiveram que comprar cerca de 700 quilos de sempre-vivas produzidas em Diamantina (MG). Segundo o produtor Adolfo Cirino Pereira — o "seu" Toco —, 55 anos, até um calote de R\$ 2.000,00 ele levou de um comprador brasileiro. Cirino é dono da Fazenda Poção, única no Brasil que produz sempre-vivas. Numa área de 300 hectares (apenas uma parte da fazenda de 2 mil hectares), chega a colher até 10 toneladas por ano e exporta para os Estados Unidos.

"Já estou ensinando ao pessoal daqui a plantar também. É bom porque ajuda a preservar o meio ambiente, né?", diz ele, com conhecimento de causa e experiência. As flores, hoje, são a sua vida. Foi por causa do risco de extinção da flor na região que ele resolveu tentar salvar o que ainda restava. E deu certo.

A importância das flores secas do cerrado já foi tanta que há quase dez anos elas ocupavam a terceira colocação no mercado exportador nacional de produtos. Entre 1992 e 1993, foram vendidas 200 toneladas de três espécies desse tipo de planta, produzidas só na Chapada dos Veadeiros. A Alemanha era o principal comprador.

"Saíam daqui caminhões-baú lotados de plantas", lembra um dos diretores da antiga Associação dos Extrativistas de Flores do Cerrado (Asflo) de Alto Paraíso, Antônio Ferreira de Souza. Hoje, dos 150 associados, existem na cidade apenas quatro artesãos e as vendas restringem-se ao sustento familiar. "Houve uma campanha para controlar a coleta excessiva e muitos catadores mudaram de atividade", explica.

Fotos: Nehil Hamilton



MARIA APOLINÁRIA, UMA DAS MAIS ANTIGAS CATADORAS DE FLORES: "TEM ESPÉCIES QUE NÃO TEM MAIS POR AQUI"

Busca sempre mais distante

Todos os dias, a caminhada tem ficado cada vez mais longa. As plantas estão desaparecendo. Onde antes havia muitas espécies, hoje a coleta é escassa. Os depósitos de artesãos que sobrevivem da coleta de flores e capins do cerrado são muito parecidos. "Hoje a gente tem que ter muito jogo-de-cintura para sobreviver disso", conta o artesão Elcio Pereira da Silva, 39 anos, 26 dos quais dedicados à atividade. Para conseguir estoque suficiente e vender seus arranjos em frente à Catedral, diz que precisa andar mais de 4 km no entorno do Gama, onde mora.

"Há oito anos, no Parque da Barragem, dava para tirar até 10 mil peças de flores em cada coleta. Agora não dá nem para remédio", completa outro artesão, Pedro dos Santos, companheiro de Elcio. Foi com esse dinheiro que eles conseguiram criar os filhos e temem que a situação piore ainda mais. Apesar de ter arranjos para todos os orçamentos — de R\$ 0,70 a R\$ 20,00 —, Elcio lembra que, além da escassez de plantas, as vendas estão caindo. "Flor é luxo. Ninguém mais tem dinheiro para isso", completa.

PIONEIRA

Para a mais tradicional catadora de flores e plantas do cerrado da cidade, Maria Apolinária Gomes Nascimento, as dificuldades são as mesmas, mas não há nada que a faça pensar em abandonar as longas caminhadas mato adentro em busca da matéria-prima para seus arranjos. Uma experiência de mais de 30 anos conta com uma energia surpreendente para uma mulher de 67 anos, que prefere sair sozinha e não se incomoda em andar mais de 5 km em busca de uma flor.

Dona Maria, como é conhecida, mora na Vila Nossa Senhora de Fátima, em Planaltina, e é a matriarca de uma família que também vende flores. Todos na Torre. Outros artesãos às vezes a procuram em busca de alguns maços de plantas. As filhas Lira e Maria das Graças e o neto Juscelino são os encarregados da venda. "Mas quem colhe e desidrata sou eu", sorri, com a naturalidade de quem já esteve em Cristalina, já acampou na Chapada dos Veadeiros e Formosa, caminha até o Vale do Amanhecer (são cerca de 6 km de sua casa). Planaltina de Goiás e Colorado. "Para o Colorado eu pego ônibus", reconhece.

Ela garante que nunca volta sem nada. "Tem espécies que não tem mais por aqui. Por isso, o jeito é criar alternativas, colher outros tipos de plantas que substituam as outras que acabaram", explica. No quintal de sua casa, Maria mantém há anos o mesmo tanque de 125 litros e o fogão a lenha usados para ferver as folhas em ácido sulfúrico, parte do processo de desidratação. Depois, as plantas (exceto as flores) são colocadas de molho no cloro e secas. "Se ácido faz mal? Que nada! Nunca fiquei doente!", diverte-se ela.

Sobre os cuidados com a preservação ambiental, Maria é taxativa: garante que nunca invadiu unidades de conservação, onde a coleta de espécies é proibida. "Se a mesma planta tem do lado de fora da cerca, por que eu vou invadir um lugar protegido?", pergunta. A catadora mora perto da Estação Ecológica de Águas Emendadas e afirma categoricamente que nunca ultrapassou os limites da área.

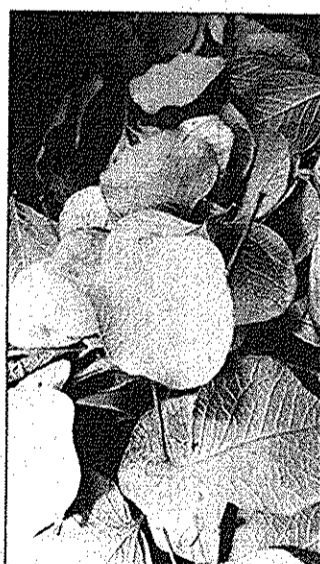
NO DISTRITO FEDERAL

AMEAÇADAS



RABO-DE-GALO

- Pireque
- Pirecão
- Pireque-roxo
- Palipalã
- Palipalã-do-brejo
- Espeta-nariz
- Trigão
- Brinco-de-princesa
- Jazida
- Ruibarbo



FOLHA-MOEDA

- Estrela-do-brejo
- Capim-estrela
- Capinzinho
- Amarelão
- Chuveirinho
- Douradinha
- Rabo-de-raposa (ou rabo-de-cavalo)
- Papoula
- Papoulinha
- Rosa-pára-tudo
- Capim-ourinho
- Capim-sem-pelo
- Tinguinha
- Sombreiro
- Cervejinha
- Sete-copas-do-cerrado
- Feijãozinho
- Vassourinha
- Tinguí
- Pimentinha

EXTINTA



SEMPRE-VIVA

Existem várias espécies de sempre-viva: pé-de-ouro, minissaia, chapadeira, cachorrinha, vargeira. Esse tipo de planta prefere solos rochosos e arenosos e florescem em campos, enfrentando grandes variações de temperatura — muito calor durante o dia e frio à noite.

Coletar menos para preservar

Levantamento divulgado pela Unesco esta semana revela que, de 1953 até 1998, 57,65% do cerrado do DF foram devastados e, com eles, 600 espécies de plantas destruídas. "Hoje, as pessoas parecem se preocupar só com as árvores e ignoram as plantas rasteiras que também precisam ser preservadas", diz a bióloga Cássia Munhoz, da UnB.

A mesma preocupação com a vegetação do cerrado tem o professor Manoel Cláudio Barros, do Departamento de Engenharia Florestal da universidade. Para ele, o risco de extinção das espécies usadas artesanalmente deve-se, em grande parte, aos próprios catadores. "Eles praticam o que se chama de coleta predatória,

ou seja, saem colhendo tudo, indiscriminadamente, sem dar tempo para a natureza se recuperar e as plantas rebrotarem", critica. "Além disso arrancam as raízes junto, eliminando as chances de preservação da vida".

CURSO

Manoel Cláudio foi um dos coordenadores do curso promovido no Jardim Botânico de Brasília, em 1992, especialmente voltado para os catadores de flores. Durante uma semana, eles aprenderam, por exemplo, que os locais de coleta devem variar de ano para ano para evitar um esgotamento da capacidade produtiva das plantas. "Mas, como sobrevivem disso, não se

preocupam com esses detalhes: o negócio é quantidade", completa. "São poucos os que têm consciência do ciclo de vida das plantas".

Na opinião da diretora do Jardim Botânico de Brasília, Anajúlia Heringer, o grande problema da atividade extrativista dessas espécies é a falta de uma política de apoio rigorosa, com a adoção de técnicas de manejo, ou seja, critérios para coleta. "O fato é que os estudos sobre a biodiversidade do cerrado ainda estão muito atrasados", completa. Na sua opinião, a utilização comercial e planejada desse tipo de planta, com o acompanhamento de técnicos e pesquisadores, seria a garantia de preservação das espécies.